GÊNERO, PRÁTICAS “PSI” E PERSPECTIVAS DE DESPATOLOGIZAÇÃO

Patricia. Porchat P.S. Knudsen

Instituição: UNESP – Bauru

Email: patriciaporchat@fc.unesp.br

Sandra Elena Sposito

Instituição: UNESP – Assis

Email: sandrelena@uol.com.br

Ementa:

Esse GT se destina a psicólogos que, em sua prática profissional, vivenciam ou já vivenciaram situações que problematizam as categorias de avaliação e diagnóstico que patologizam gênero e práticas sexuais. Destina-se igualmente a pesquisadores da psicologia que discutem as teorias e a formação do psicólogo quanto ao modo de pensar a diversidade sexual e de gênero. Nos diversos contextos em que ocorrem as práticas “psi”, seja na rede pública, no âmbito do consultóro particular, nas escolas, hospitais ou organizações, atualmente se coloca a questão da postura e da prática profissional diante das sexualidades e identidades marcadas pela diversidade em relação à tradicional divisão entre homens e mulheres que apresentam uma aparente corência entre anatomia e identidade de gênero. No campo da psicologia, mais do que em outros, entra-se em contato com o sofrimento advindo do corpo, das relações intersubjetivas e dos lmites impostos pelo mundo (físico e social). Numa perspectiva clássica, cabe à psicologia avaliar, diagnosticar e tratar. O profissional que não se posiciona criticamente diante das imposições de uma perspectiva exclusivamente classificatória e patologizante do sofrimento humano, perde a condição de enxergar seu paciente como um outro, semelhante, humano, com direitos iguais aos seus. Trata-se de questionar a visão de sujeito e de ser humano que as teorias possuem, mas também de trazer para primeiro plano a postura ética do profissional.